

Qualidade de Vizinhança em Áreas do Plano Piloto

Anamaria de Aragão Costa Martins & Cristiana Corgosinho de Moura

A idéia da pesquisa aqui desenvolvida surgiu de um debate realizado em sala de aula, quando foram questionados os limites espaciais de uma vizinhança. Nesta discussão, foram avaliadas questões relativas ao comportamento entre os moradores das quadras e do próprio edifício, na cidade de Brasília. Além disso, o trabalho denominado “Senso de comunidade e avaliação do ambiente”, apresentado em classe, no dia 13 de setembro de 1994, pelo professor Hartmut Günther, motivou-nos a estudar o comportamento dos habitantes de superquadras ou condomínios fechados localizados no Plano Piloto.

Neste estudo, os dados analisados referiam-se a aspectos físicos, funcionais, econômicos e políticos, com amostra de 600 questionários enviados via correio, 240 dos quais foram respondidos. Os fatores avaliados levavam em consideração a identificação dos sujeitos com o local de moradia - superquadra ou edifício - e a disponibilidade de participar e de ajudar na resolução de problemas tanto do bloco, quanto da quadra. As áreas de pesquisa incluíram os edifícios da Colina, situada no Campus Universitário, do Setor de Habitações Octogonais, da superquadra 315 Sul e da 309 Norte. Como resultado da pesquisa, foram obtidos dados que evidenciaram maior disponibilidade de cooperação com atividades relacionadas mais ao bloco do que aquelas referentes à quadra. Também foram observadas características específicas de cada uma das áreas analisadas: na área Octogonal, para os moradores, é bem claro o limite espacial do condomínio, enquanto na 315 Sul, a associação comunitária se revela bem organizada, principalmente em épocas de festejos, por exemplo.

Foi levado em consideração, para a fundamentação teórica da presente pesquisa, o “Environmental psychology”, de Robert Gifford, do qual foram extraídos

tópicos de análise do espaço físico, de privacidade, de territorialidade, de senso comunitário e de sociabilidade.

Tendo em vista que o trabalho sobre “Senso de comunidade” enfatizava os aspectos físicos e sociais em uma macro-escala, foi feita a opção por verificar o comportamento dos moradores somente nos seus edifícios. O objeto de estudo refere-se ao relacionamento entre vizinhos de andar e de bloco, especificando ambientes do percurso diário dos respondentes - corredor, elevador, portaria, pilotis, garagem/estacionamento - utilizando-os como gradação de espaços (do espaço pessoal ao espaço público).

Como estudantes de Arquitetura, houve a preocupação em verificar se os ambientes que compõem os edifícios são capazes de oferecer condições favoráveis à manutenção de relações sociais e se garantem, simultaneamente, privacidade e possibilidade de integração comunitária, sem descaracterizar os limites territoriais de cada família.

Por isso, buscou-se a verificação de características e barreiras físicas do ambiente do apartamento e do edifício que resguardassem a intimidade da família, no sentido de não permitir invasão de privacidade, o que geraria melhores relações entre cada um dos grupos e dos grupos entre si. Além disso, a medição do nível de sociabilidade entre os grupos foi feita para cada item da gradação de espaços, para observar os limites de atuação do espaço individual e do espaço coletivo.

Desse modo, foi objetivada neste estudo a conceitualização de vizinhança por meio da definição do espaço físico e psicológico que compõem uma comunidade, partindo das seguintes premissas: o conceito físico de vizinhança engloba desde o micro-espaço do apartamento até o macro-espaço do edifício, enquanto o conceito psicológico refere-se à possibilidade de estabelecimento de relações interpessoais mais próximas em um espaço determinado.

Segundo Gifford (1987), homens e mulheres apresentam diferentes experiências, vivências e aptidões, percebendo os espaços de maneiras distintas. Da mesma forma, os corredores são considerados espaços interativos, porque os moradores conseguem exercer maior controle sobre este espaço. Segundo Holanda (1992), a sociedade brasileira tem apresentado características de transpacialidade, o que reflete menor intensidade de relações entre vizinhos do que entre grupos profissionais, estudantis, de clubes, igrejas, entre outros. Assim, supõe-se que as pessoas que já possuem relações de amizade com outros grupos terão maior facilidade de convivência no espaço de moradia do que aqueles que têm de se valer de

A *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental* reproduz trabalhos de alunos das disciplinas Psicologia Ambiental e Psicologia Social. Estes trabalhos empíricos fazem parte das exigências destas disciplinas. Frequentemente, foi a primeira pesquisa realizada pelos autores.

Sobre o autor: Ao desenvolver este trabalho as autoras eram alunas da disciplina Psicologia Ambiental, ministrada pelo professor Hartmut Günther, durante o segundo semestre de 1994

Endereço para contato: Laboratório de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Caixa Postal 4480, 70919-970 Brasília, DF; hartmut@unb.br – www.psi-ambiental.net

☞ *Como citar*

Martins, A. A. C., & Moura, C. C. (1994). Qualidade de Vizinhança em Áreas do Plano Piloto. *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, N° 04*. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

encontros ocorridos no espaço do edifício.

A primeira hipótese defendida consistiu em ser a probabilidade de estreitamento das relações sociais proporcional ao número de encontros ocorridos em um espaço físico, isto é, quanto maior o número de apartamentos por andar, maior a frequência de encontros.

Já a segunda hipótese refere-se à verificação da qualidade de relacionamento entre pessoas que convivem tanto no local de trabalho, quanto no local de moradia, comparando-as com aquelas que só se relacionam no local de moradia.

A terceira hipótese diz respeito à relevância de certos problemas físicos que aparecem no micro-espaço, podendo causar constrangimento no relacionamento entre vizinhos e dificultando uma boa qualidade de vizinhança.

Portanto, a pesquisa aqui desenvolvida busca a avaliação da qualidade de vizinhança em edifícios do Plano Piloto, de acordo com fatores de sociabilidade, de aspectos físicos, de territorialidade, de senso comunitário e de privacidade, tendo como parâmetros de avaliação o sexo, o número de apartamentos por andar e o fato de os respondentes conviverem com o mesmo grupo tanto no local de trabalho quanto no de moradia.

METODOLOGIA

Amostra

Tendo como base o estudo sobre "Senso de comunidade", o questionário do Programa UnB Verde, o "Environmental Psychology", foi organizado um questionário de 36 perguntas, a ser distribuído nas caixas de correspondência dos apartamentos de edifícios do Setor Habitacional Octogonal, das Superquadras Norte 215, 116 e 102 e das Superquadras Sul 202, 105 e 113.

A experiência do trabalho sobre "Senso de comunidade", em que foram enviados 600 questionários com a devolução de 240, orientou a coleta de dados no sentido de distribuir 350 questionários, objetivando o recebimento de 100 questionários. Ora, a pesquisa anterior adotou o método de telefonar aos respondentes, explicando-lhes o objetivo do trabalho, de forma a incentivar um maior número de adesões. No entanto, a forma de devolução era mais complicada (via correio), o que os faria crer na dificuldade de obter respostas. Assim, foi definida, na presente pesquisa, a colocação de caixas de coleta nas portarias dos edifícios para facilitar a devolução dos questionários, embora não tenha sido adotado o telefonema como meio de aproximação do respondente. Esta falha no método reduziu a quantidade de questionários recebidos, para 70, nos quais foi verificada uma adesão maior por parte dos homens e dos que não partilhavam do mesmo local de trabalho e moradia.

Instrumento

O questionário foi organizado em quatro grupos de variáveis - *Sociabilidade*, *Territorialidade*, *Aspectos Físicos E Privacidade* -, tomando por exemplo o questionário do Programa UnB Verde, no qual podem ser observadas questões qualificativas e de múltipla escolha.

No questionário desta pesquisa, foram utilizadas afirmativas que deveriam ser avaliadas pelo respondente segundo uma escala variando de 1 a 4, para as seguintes respostas, respectivamente: "discordo inteiramente", "discordo", "concordo" e "concordo plenamente". A fim de evitar que os sujeitos tivessem tendência a responder ou só positivamente ou só negativamente, foram feitas frases que alternavam seu sentido: ora positivo, ora negativo. Também foram estruturadas perguntas de múltipla escolha que fizessem os respondentes analisar os ambientes de maior presença de pessoas, os limites físicos de cada nível espacial e a frequência de encontros.

No início do questionário, foi feita uma breve explicação sobre os objetivos do trabalho, identificando os pesquisadores o que se acreditava ser uma forma de aproximação com o respondente. Em seguida, foram organizadas 18 perguntas para o critério sociabilidade, 5 para os aspectos físicos, 5 para a questão da territorialidade e 1 sobre senso comunitário, não dispostas na ordem acima. No fim do questionário, foram feitas algumas perguntas relacionadas a aspectos pessoais do respondente, como sexo, idade, número de pessoas por apartamento, entre outras.

Procedimento de análise

O procedimento de análise teve como parâmetros os fatores sexo, número de apartamentos por andar e convivência no mesmo local de trabalho e moradia. Isto acontece em decorrência das hipóteses desenvolvidas no processo de pesquisa, já que se acreditava que estes fatores poderiam apresentar diferença significativa entre as respostas, como foi possível demonstrar anteriormente.

Inicialmente, foi feito um exame das respostas, a partir da aproximação das médias de cada questão, para as perguntas avaliativas, e a verificação da frequência de respostas encontradas nos itens de múltipla escolha. Este exame, no entanto, apresentou falhas, já que tal aproximação não conduzia a resultados precisos e não relacionava os parâmetros às respostas. Dessa forma, passou-se à utilização do sistema de computação SPSS, que avalia e interrelaciona dados. Para tal, foi necessário fazer-se o remanejamento das respostas de valor negativo, para que estas se adequassem à escala de gradação adotada no sistema SPSS (quanto mais próximo do valor 1, mais ênfase negativa teria a resposta e quanto mais próxima de 4, maior seria a ênfase positiva).

RESULTADOS

Foi realizado um Teste *t* para identificar se havia diferença entre as médias, com os resultados da Tabela 1. Foi encontrada uma diferença significativa para os aspectos físicos e para o aspecto territorialidade, sendo que essa diferença não foi encontrada nos aspectos privacidade e sociabilidade. No aspecto físico, verificamos que as mulheres analisam os ambientes de forma mais negativa do que os homens. Já no aspecto territorialidade, verificamos que os homens qualificam mais positivamente a definição do território do que as mulheres.

	Homens		Mulheres		Teste t	
	M.	D.P.	M.	D.P.	t	p
Privacidade	2.728	0.588	2.66	0.46	-0.3	0.3
Asp. Físicos	2.395	0.61	2.22	0.41	-0.7	0.08
Sociabilidade	2.889	0.518	2.87	0.66	-0.1	0.45
Territorialidade	3.194	0.592	2.95	0.5	-0.9	0.03

Tabela 1: Comparando respondents masculinos e femininos

Na Tabela 2 compara-se os respondentes em termos da convivência no local de trabalho. No aspecto privacidade, houve um resultado significativo, sendo mais positivo para os que convivem com o mesmo grupo social tanto no local de trabalho, quanto no de moradia. Da mesma forma, o fator sociabilidade é avaliado de forma mais positiva pelo mesmo grupo. Entretanto, não houve resultados significativos para os fatores territorialidade e aspectos físicos.

Na Figura 1, compara-se respondentes em termos de número de apartamentos por andar. Uma análise de variância não apontou diferenças estatisticamente significativas.

DISCUSSÃO

Levando-se em conta as hipóteses defendidas e os resultados obtidos, foi possível verificar que, para o parâmetro sexo, as mulheres fazem suas apreciações físicas do ambiente de forma mais negativa. Isto ocorre porque, como normalmente desempenham tarefas domésticas, apresentam uma familiaridade maior com o lugar, no que diz respeito às falhas observadas no espaço.

Já o sexo masculino avalia de forma mais positiva do que as mulheres o fator territorialidade. Tendo como base a palestra ministrada pelo professor Bill Hillier, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UnB, em novembro de 1994, a respeito da sintaxe espacial de residências francesas e inglesas, é possível observar que o espaço da casa menos permeável, portanto, mais delimitado, é o do quarto de trabalho do homem. Assim, pode-se fazer um paralelo com os dados obtidos na pesquisa sobre “Qualidade de vizinhança”, o que justificaria a percepção masculina da territorialidade mais bem definida.

Ora, com o fator local de trabalho e moradia partilhados, foi possível verificar diferença significativa, nas respostas obtidas com relação aos fatores privacidade e sociabilidade, comprovando a hipótese defendida. Sobre privacidade, os sujeitos que convivem tanto no trabalho quanto na habitação acreditam possuir uma maior privacidade do que os que não convivem. Com relação à sociabilidade, verificamos melhores relações sociais entre aqueles que convivem no trabalho e na moradia. Logo, a

primeira conclusão é a de que se torna mais fácil estabelecer relações de amizade e ajuda mútua se já existe algum tipo de relacionamento fora do ambiente de moradia. Quando as pessoas dependem da ocorrência de encontros no espaço do edifício para estreitar sua amizade com vizinhos, torna-se mais difícil a criação deste tipo de relacionamento, já que o espaço não proporciona um bom convívio social.

Em seguida, foi possível fazer uma associação desses dados com a idéia inicial do urbanista Lúcio Costa. Se as superquadras de Brasília tinham o objetivo de congregar no mesmo espaço físico trabalhadores de diferentes níveis hierárquicos, os imóveis seriam funcionais e seus moradores deveriam conviver com o mesmo grupo social, tanto no horário de trabalho quanto no de lazer. Verificou-se, porém, um percentual baixo de pessoas que vivem em situação semelhante à idealizada por Lúcio Costa, tendo em vista que, dos 70 questionários respondidos, apenas 13 sujeitos convivem no local de trabalho e moradia com o mesmo grupo social.

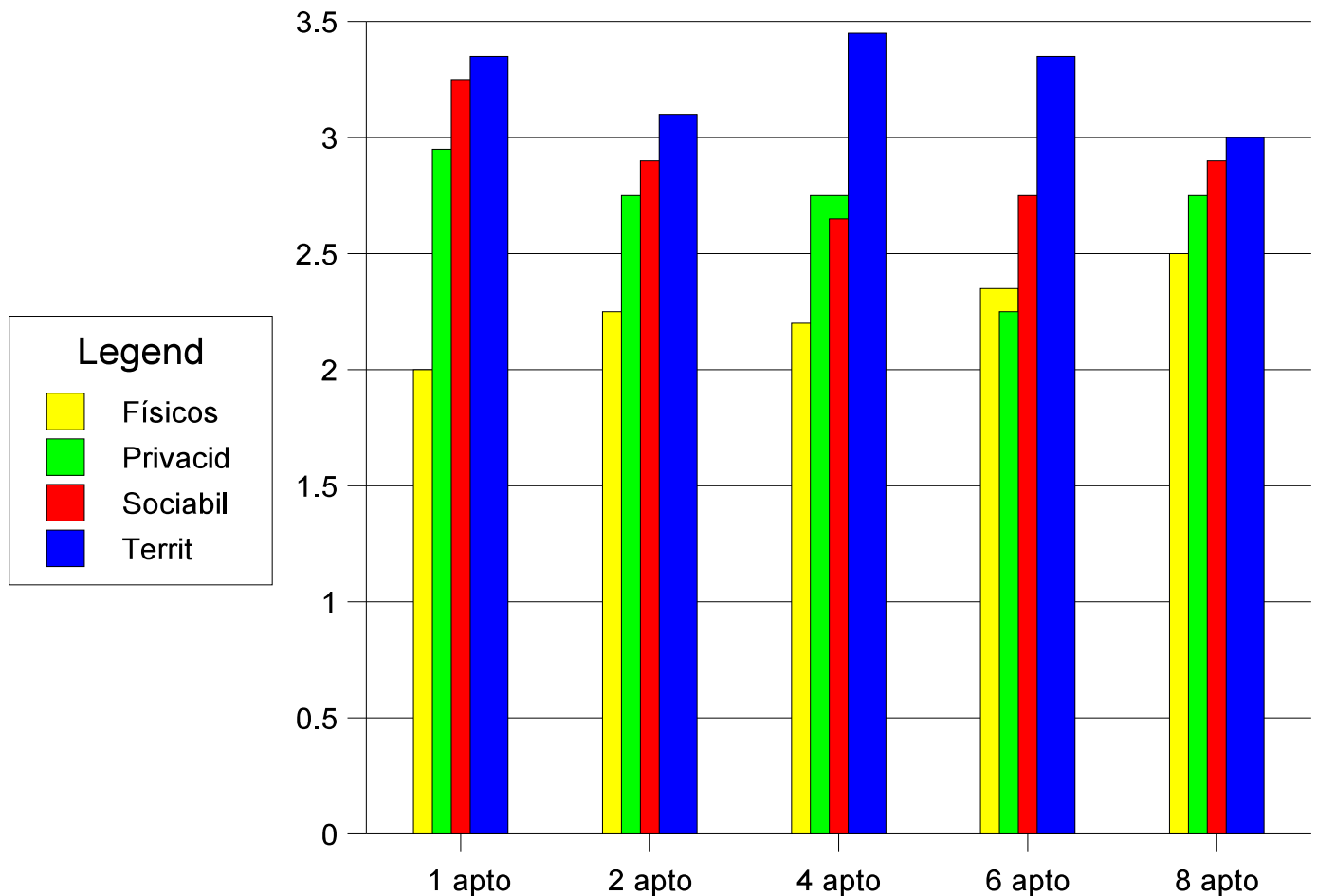
Já com relação ao número de apartamentos por andar, contrariando uma das hipóteses, não houve diferença significativa nos resultados. Assim, pode-se afirmar que a frequência de encontros não é proporcionada por um maior número de apartamentos por andar, já que isto gera menor controle sobre o espaço primário. Segundo Gifford, é preferível um total controle dos espaços que ainda não são de uso público, sendo interessante a redução do tamanho dos corredores. Na verdade, verificou-se que esses encontros ocorrem em outras áreas do edifício, como é o caso das garagens e pilotis, os quais, entretanto, não apresentam condições agradáveis para o desenrolar de uma conversa entre vizinhos, por exemplo.

Desse modo, a pesquisa evidenciou que, embora sejam encontrados alguns locais com muita concentração de pessoas e outros fisicamente agradáveis, não se encontram muitos ambientes que reúnam essas duas características, fato que implica uma qualidade de vizinhança não muito boa. Verificou-se, também, que se faz necessária a manutenção de relações transpaciais para que a qualidade de vizinhança melhore.

	Convivem no Trabalho e na Moradia				Teste t	
	Sim		Não		t	p
	M.	D.P.	M.	D.P.		
Privacidade	2.93	0.37	2.65	0.57	-1.15	.14
Asp. Físicos	2.31	0.50	2.33	0.56	.08	.44
Sociabilidade	3.27	0.33	2.78	0.58	1.51	.20
Territorialidade	3.21	0.59	3.07	0.56	-.41	.21

Tabela 2: Comparando respondentes que convivem no local do trabalho com os que não convivem no local de trabalho

Avaliação em Função do Número de Quartos por Apartamento

**DESENHO AMBIENTAL**

Os fatos refletiram os seguintes desenhos ambientais:

- 1 Portaria: espaço pouco freqüentado - moradores possuem carros garagem local mais freqüentado
- 2 Pilotis: local que apresenta maior concentração de pessoas
- 3 Limites de espaço:
 - 3.1 Micro-espço: do apartamento até a porta
 - 3.2 Espaço semiprivado: do corredor até o elevador
 - 3.3 Espaço de uso coletivo dos moradores da prumada: portaria
 - 3.4 Espaço de uso coletivo dos moradores do edifício: pilotis.

Algumas áreas, entre elas as garagens, embora sejam locais de encontro, não oferecem condições favoráveis a uma relação social. Paralelamente, equipamentos que preocupam arquitetos, como dutos de ventilação entre sanitários, não constituem problemas para os moradores. No entanto, elementos valorizados pelos arquitetos, como varandas e grandes janelas, podem gerar constrangimento entre vizinhos.

CONCLUSÃO

Como se depreende da exposição, muitos dos princípios teóricos encontrados no livro de Robert Gifford podem ser comprovados pelos resultados desta pesquisa, citando-se o caso das percepções ambientais diferenciadas pelo sexo, decorrentes das diversas experiências por que os indivíduos passam em um determinado ambiente.

Além disso, acredita-se que os resultados ligados ao número de apartamentos por andar podem complementar pesquisas no campo da Arquitetura, que pressupõem que um maior número de portas e janelas em um espaço intensificam o número de encontros, gerando melhores relações sociais. Como exemplos de pesquisas no Instituto de Arquitetura e Urbanismo, estão aquelas relacionadas as disciplinas de Urbanismo, "Sintaxe Urbana" e "Configuração Urbana".

No mais, esta pesquisa pode contribuir com a de "Senso de comunidade", desenvolvida pelo professor Günther, já que esta aborda o comportamento das pessoas nos diferentes ambientes do edifício, enquanto aquela está direcionada à relação entre morador e quadra.

Finalmente, foi possível desenvolver um trabalho relativo a diversas áreas do conhecimento, voltando á proposta da disciplina "Psicologia Ambiental", que é a de buscar um estudo multidisciplinar, tendência cada vez mais nítida nos projetos científicos da atualidade.

BIBLIOGRAFIA

Gifford, R. (1987). *Environmental psychology*. Boston: Allyn & Bacon.

Holanda, F. (1992). In Martins, Anamaria. "Guará I: as dimensões da copresença". Trabalho desenvolvido na disciplina "Síntaxe Urbana". Brasília, UnB.

Hillier, B. (1994). Palestra ministrada em novembro de 1994. Textos disponíveis na Secretaria do Departamento de Urbanismo da Universidade de Brasília.

ANEXO - QUESTIONÁRIO

Senhores moradores,

Segundo o plano urbanístico de Brasília, de autoria de Lúcio Costa, o gabarito baixo dos edifícios residenciais proporcionaria um melhor convívio social. O interesse deste questionário é saber a opinião dos moradores deste edifício a respeito deste assunto. Como estudantes de Arquitetura da Universidade de Brasília e alunas da disciplina Psicologia Ambiental, temos estudado o comportamento de indivíduos e grupos sociais em espaços físicos. Assim, este questionário tem por objetivo colher informações para uma pesquisa a respeito da qualidade de vizinhança em edifícios no Plano Piloto, sendo de fundamental ajuda para nós sua participação em responder às perguntas abaixo, já que elas só lhe tomarão alguns minutos.

Agradeceríamos, também, sua colaboração em preencher todo o questionário e no sentido de entregá-lo ao porteiro de seu edifício, que possuirá uma caixa de coleta. Comunicamos, ainda que não é necessária a sua identificação e que as informações obtidas serão mantidas em sigilo, só sendo revelado o resultado geral da pesquisa.

Contamos com sua colaboração.

Atenciosamente,

Anamaria Martins e Cristiana Corgosinho

Inicialmente, indagaremos sobre o relacionamento entre os moradores. Pense tanto no seu comportamento quanto no seu ambiente físico. Para tanto, solicitamos que avalie os aspectos em questão, indicando para cada um sua opinião: (1) DISCORDO INTEIRAMENTE, (2) DISCORDO, (3) CONCORDO, (4) CONCORDO PLENAMENTE.

1. Meu relacionamento com os vizinhos de andar é bom.	1	2	3	4
2. O relacionamento de meus familiares com os vizinhos é ruim.	1	2	3	4
3. Meu relacionamento com os vizinhos de outros andares é amigável.	1	2	3	4
4. O comportamento de meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos no corredor é frio.	1	2	3	4
5. O comportamento de meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos no elevador é distante.	1	2	3	4
6. O comportamento de meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos na portaria é caloroso.	1	2	3	4
7. O comportamento de meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos nos pilotis é amigável.	1	2	3	4
8. O comportamento de meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos na garagem ou estacionamento é distante.	1	2	3	4
9. O meu comportamento com meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos no corredor é amigável.	1	2	3	4
10. O meu comportamento com meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos no elevador é caloroso.	1	2	3	4
11. O meu comportamento com meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos na portaria é frio.	1	2	3	4
12. O meu comportamento com meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos nos pilotis é distante.	1	2	3	4
13. O meu comportamento com meus vizinhos, ao encontrar-mo-nos na garagem ou estacionamento é amigável.	1	2	3	4
14. Considero o corredor do meu andar espaçoso.	1	2	3	4
15. Sinto-me confinado no elevador.	1	2	3	4
16. Julgo a portaria um local desagradável.	1	2	3	4
17. O ruído causado por meus vizinhos não me incomoda.	1	2	3	4
18. A participação de meus vizinhos na manutenção da limpeza do andar é significativa.	1	2	3	4
19. Quando vou à janela (ou varanda), sinto-me à vontade com a presença de meu vizinho na janela (ou varanda) ao lado.	1	2	3	4
20. Fico constrangido quando encontro com um vizinho nas escadas.	1	2	3	4

21. Não me sinto incomodado quando escuto conversas de meu vizinho na área de serviço.	1	2	3	4
22. Quando uso o banheiro, fico intimidado quando escuto ruídos de outros apartamentos.	1	2	3	4
23. De manhã, ao jogar o lixo fora não me incomoda se encontro meu vizinho no corredor.	1	2	3	4
24. Acredito que as barreiras físicas de meu apartamento garantem privacidade.	12	3	4	
25. Não me perturba crianças brincando nos pilotis.	1	2	3	4
26. Fico irritado quando moradores de outros apartamentos jogam objetos pela janela.	1	2	3	4
27. Não me incomoda o barulho causado por festas de vizinhos.	1	2	3	4
28. Acredito que os vizinhos não se sintam perturbados pelo ruído causado por minhas festas.	1	2	3	4

Seguem-se algumas perguntas gerais sobre qualidade de vizinhança. Para cada uma das perguntas, assinale com um círculo ou um X a alternativa que melhor representa sua opinião.

1. Em quais locais você percebe maior concentração de moradores?
 - a) pilotis
 - b) portaria
 - c) estacionamento
2. Até que local você costuma acompanhar seus convidados na despedida?
 - a) porta
 - b) corredor
 - c) elevador
 - d) portaria
 - e) pilotis
3. A partir de qual espaço você considera o início do espaço coletivo e o fim do espaço privado?
 - a) corredor
 - b) janelas
 - c) porta
 - d) elevador
 - e) pilotis
4. Como você considera o espaço dos pilotis?
 - a) de uso exclusivo dos moradores do edifício
 - b) de uso exclusivo dos moradores da quadra
 - c) de uso público da cidade
5. Com que frequência você encontra seu vizinho no corredor?
 - a) todos os dias
 - b) várias vezes na semana
 - c) uma vez por semana
 - d) uma vez por mês
 - e) menos de uma vez por mês
6. Com que frequência você encontra seu vizinho no elevador?
 - a) todos os dias
 - b) várias vezes na semana
 - c) uma vez por semana
 - d) uma vez por mês
 - e) menos de uma vez por mês
7. Com que frequência você encontra seu vizinho na portaria?
 - a) todos os dias
 - b) várias vezes na semana
 - c) uma vez por semana
 - d) uma vez por mês
 - e) menos de uma vez por mês
8. Com que frequência você encontra seu vizinho na garagem (estacionamento)?
 - a) todos os dias
 - b) várias vezes na semana
 - c) uma vez por semana
 - d) uma vez por mês
 - e) menos de uma vez por mês

Finalmente, gostaríamos de fazer algumas perguntas para melhor caracterizar os respondentes desta pesquisa.

1. Quantos apartamentos existem no seu andar?
2. Você convive com seus vizinhos no trabalho?
3. Quantas pessoas moram no seu apartamento?
4. Qual o seu sexo?
5. Qual a sua idade?

MUITO OBRIGADA POR SUA PARTICIPAÇÃO NESTE ESTUDO!